

AS CONCEPÇÕES SAUSSURIANAS DE FORMAÇÃO DE PALAVRAS

Bruno Oliveira Maroneze¹

maronezebruno@yahoo.com.br

RESUMO: Neste artigo, propomos uma leitura do *Cours de Linguistique Générale* em que o foco está nas concepções de Morfologia e formação de palavras, encontradas em diversos capítulos da obra. Após sistematizar as idéias saussurianas a respeito da organização do léxico, da formação de palavras e da produtividade morfológica, procuramos mostrar que, após terem sido praticamente ignoradas pelo Estruturalismo norte-americano e pelo Gerativismo, essas mesmas idéias começam a ser retomadas em fins do século XX, especialmente na chamada Linguística Cognitiva.

PALAVRAS-CHAVE: Formação de palavras; Morfologia; Linguística Cognitiva; Saussure.

INTRODUÇÃO

Obra considerada fundadora da Linguística moderna, o *Cours de linguistique générale*, compilado por alunos de Ferdinand de Saussure, lançou diversos conceitos que se tornaram fundamentais para todo o fazer lingüístico posterior, tais como a teoria do signo, a ênfase na sincronia por oposição à diacronia e a distinção entre sistema lingüístico (*langue*) e a sua atualização (*parole*). Porém, embora o *Cours* trate de diversos temas ligados à Morfologia e, em particular, à formação de palavras, esses temas parecem ter sido deixados de lado na reflexão lingüística posterior, tendo sido retomados apenas em fins do século XX. Neste estudo, pretendemos descrever o “modelo saussuriano de Morfologia” e mostrar como ele foi retomado após ter sido praticamente abandonado pelo Estruturalismo.

Inicialmente, descreveremos as concepções de formação de palavras presentes no *Cours* para, em seguida, mostrar como elas foram de certa forma abandonadas em detrimento de outras concepções (em especial o estruturalismo bloomfieldiano). Por

¹ Doutorando, Universidade de São Paulo – USP.

fim, mostraremos como certas correntes, surgidas principalmente na década de 1980 (LANGACKER, 1987; BYBEE, 1988) retomaram as concepções saussurianas.

É importante enfatizar que não se discutirá neste artigo a autoria das idéias presentes no *Cours*. Como já foi dito, tal obra foi compilada por alunos de Saussure e, portanto, torna-se difícil atribuir a verdadeira autoria. Analisaremos aqui a obra efetivamente publicada, já que é a esta que foi atribuída a fundação da Lingüística moderna; a menção ao nome de Saussure neste artigo referir-se-á ao autor do *Cours*, independentemente de considerarmos que tenha sido efetivamente Saussure ou não. As citações foram extraídas da tradução brasileira de 1969.

1. POR UM MODELO SAUSSURIANO DE MORFOLOGIA

Se encontrássemos uma obra contemporânea intitulada “Curso de Lingüística geral”, esperaríamos encontrar nela capítulos dedicados aos diversos assuntos abordados pela moderna ciência da linguagem, como Fonologia, Morfologia, Sintaxe, Sociolingüística, Lingüística Textual e assim por diante. Porém, no *Cours* de Saussure, por se tratar de obra fundadora, nada disso é abordado de forma específica. Dessa forma, procuramos aqui reunir de maneira sistemática as concepções a respeito da formação de palavras que estão espalhadas por diversos capítulos do *Cours*.

Dividiremos nossa argumentação em três partes, nas quais analisaremos: 1.1. a estruturação do léxico; 1.2. a formação de palavras; e 1.3. a produtividade lexical. Pretendemos demonstrar que o “modelo saussuriano de Morfologia” se baseia nos seguintes pontos:

- a palavra é vista como um todo não-segmentável;
- as palavras estabelecem relações associativas entre si, que podem ser de três tipos:
 - fonológicas, quando o elemento em comum diz respeito ao significante;
 - semânticas, quando o elemento em comum diz respeito ao significado;
 - morfológicas, quando o elemento em comum diz respeito a ambos simultaneamente. Nesse sentido, dizer que determinada palavra possui determinado morfema equivale a dizer que tal

palavra estabelece relações associativas com outras palavras que apresentam em comum uma cadeia fônica semelhante e um elemento significativo semelhante.

- a formação de palavras se dá por analogia, estabelecendo relações associativas com palavras já existentes na língua;
- uma palavra é produtiva (ou seja, é capaz de servir como modelo analógico para formar outras) na medida em que é passível de ser “decomposta”.

1.1. A ORGANIZAÇÃO DO LÉXICO

Muito se ensina em nossos cursos de Letras e Lingüística a respeito das célebres dicotomias saussurianas: diacronia/sincronia, língua/fala, significante/significado. No entanto, a dicotomia mais importante para compreendermos a concepção saussuriana de formação de palavras é talvez a menos estudada de todas: trata-se da oposição entre relações sintagmáticas e relações associativas². No capítulo V da segunda parte do *Cours*, intitulado justamente “Relações sintagmáticas e relações associativas”, Saussure inicialmente distingue os dois tipos de relação:

De um lado, no discurso, os termos estabelecem entre si, em virtude de seu encadeamento, relações baseadas no caráter linear da língua, que exclui a possibilidade de pronunciar dois elementos ao mesmo tempo (...). Tais combinações, que se apóiam na extensão, podem ser chamadas de *sintagmas*. (...). Colocado num sintagma, um termo só adquire seu valor porque se opõe ao que o precede ou ao que o segue, ou a ambos.

Por outro lado, fora do discurso, as palavras que oferecem algo de comum se associam na memória e assim se formam grupos dentro dos quais imperam relações muito diversas. (...).

Vê-se que essas coordenações são de uma espécie bem diferente das primeiras. Elas não têm por base a extensão; sua sede está no cérebro; elas fazem parte desse tesouro interior que constitui a língua de cada indivíduo. Chamá-las-emos *relações associativas* (SAUSSURE, 1969, p. 142-3).

Na seqüência, Saussure passa a detalhar e a exemplificar os dois tipos de relação. O que parece estar em discussão, para Saussure, é a questão sobre se as relações

² Seguindo o uso de Saussure, empregamos aqui o termo “relação associativa”, embora a Lingüística posterior tenha consagrado o termo “relação paradigmática” para descrever o mesmo tipo de relação.

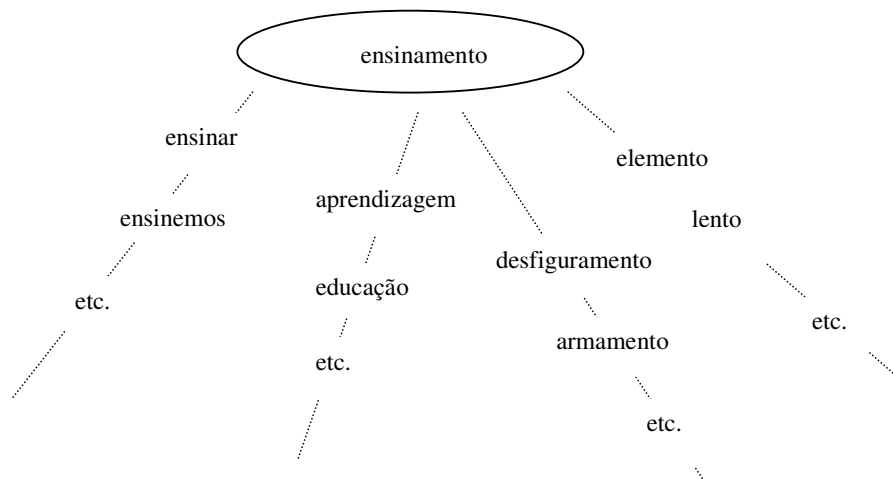
sintagmáticas seriam um fenômeno de língua ou de fala. Porém, ao tratar desse assunto, o autor deixa transparecer sua concepção de como as palavras³ se relacionam entre si:

(...) Quando uma palavra como o fr. *indécorable* ou port. *indeclinável* surge na fala (...), supõe um tipo determinado e este, por sua vez, **só é possível pela lembrança de um número suficiente de palavras semelhantes pertencentes à língua** (*impecável, intolerável, infatigável, etc.*) (SAUSSURE, 1969, p. 145, grifo nosso).

Vê-se aqui a idéia de que uma palavra suscita na memória toda uma série de relações associativas com outras palavras com as quais compartilha certos elementos. Isso fica ainda mais evidente com o trecho a seguir:

Os grupos formados por associação mental não se limitam a aproximar os termos que apresentem algo em comum; o espírito capta também a natureza das relações que os unem em cada caso e cria com isso tantas séries associativas quantas relações diversas existam. Assim, em *enseignement, enseigner, enseignons* etc. (*ensino, ensinar, ensinemos*), há um elemento comum a todos os termos, o radical; todavia, a palavra *enseignement* (ou *ensino*) se pode achar implicada numa série baseada em outro elemento comum, o sufixo (cf. *enseignement, armement, changement* etc.; *ensinamento, armamento, desfiguramento* etc.); a associação pode se fundar também apenas na analogia dos significados (*ensino, instrução, aprendizagem, educação* etc.) ou, pelo contrário, na simples comunidade das imagens acústicas (por exemplo *enseignement* e *justement*, ou *ensinamento* e *lento*).

(...)



(SAUSSURE, 1969, p. 145-6).

Dessa forma, um signo estabelece relações associativas com toda uma “constelação” de outros signos; para Saussure, há três tipos possíveis de associação:

³ Seguindo o uso de Saussure, empregamos aqui o termo “palavra” para designar a unidade lexical, embora a delimitação desse conceito seja problemática já no próprio *Cours*.

- a) A associação que se dá por semelhança meramente fônica (ao nível do significante). É o caso de *elemento* e *lento*, que têm em comum com *ensinamento* apenas alguns segmentos fonológicos;
- b) A associação que se dá por semelhança meramente semântica (ao nível do significado). É o caso de *aprendizagem* e *educação*, que têm em comum com *ensinamento* apenas alguns traços de significado;
- c) A associação que se dá simultaneamente por semelhança fônica e semântica. Poderíamos chamar esse tipo de associação de “morfológica”⁴. Saussure a exemplifica de duas maneiras: em primeiro lugar, o caso de *ensinar* e *ensinemos*, que têm em comum com *ensinamento* o elemento chamado de radical (*ensin-*); e em segundo lugar, o caso de *desfiguramento* e *armamento*, que têm em comum com *ensinamento* o elemento chamado de sufixo (*-mento*).

É importante observar que esses três tipos de associação se conformam à concepção saussuriana segundo a qual o signo é formado pela união de “um conceito e uma imagem acústica” (SAUSSURE, 1969, p. 80), ou a célebre dicotomia *significante/significado*: há relações que dizem respeito apenas ao significante (a); outras que dizem respeito apenas ao significado (b); e outras que dizem respeito à relação entre ambos (c).

Essas considerações que acabamos de tecer constituiriam o que podemos chamar de “modelo saussuriano de Morfologia”. Entendida dessa forma, a Morfologia é o estudo das relações associativas estabelecidas por uma palavra (ou um signo) em decorrência de seu significante e seu significado.

No capítulo seguinte, intitulado “Mecanismo da língua”, o autor detalha seu modelo descrevendo a estrutura morfológica da palavra *desejoso*:

Uma unidade como *desejoso* se decompõe em duas subunidades (*desej-oso*), mas não se trata de duas partes independentes simplesmente juntadas uma à outra (*desej + oso*). Trata-se de um produto, uma combinação de dois elementos solidários, que só têm valor pela sua ação recíproca numa unidade superior (*desej x oso*). **O sufixo, considerado isoladamente, é inexistente; o que lhe confere seu lugar na língua é uma série de termos usuais tais como *calor-oso, duvid-oso* etc.** Por sua vez, o radical não é autônomo; ele só

⁴ Embora não seja o objetivo deste artigo, por estarmos analisando o nível da palavra, talvez seja possível estender essa concepção também para outros níveis, como a sintaxe.

existe pela combinação com um sufixo; no francês *roul-is*, o elemento *roul-* não é nada sem o sufixo que o segue. **O todo vale pelas suas partes, as partes valem também em virtude de seu lugar no todo, e eis por que a relação sintagmática da parte com o todo é tão importante quanto a das partes entre si** (SAUSSURE, 1969, p. 148-9, grifo nosso).

Aqui, Saussure deixa claro que seu modelo não vê os morfemas como unidades, mas antes, a ênfase é na palavra como um todo. O “modelo saussuriano de Morfologia” é, dessa forma, um modelo baseado na palavra, não no morfema. Um pouco mais adiante no texto, o autor do *Cours* relaciona essa idéia à idéia anterior das relações associativas:

Entre os agrupamentos sintáticos assim constituídos, existe um vínculo de interdependência; eles se condicionam reciprocamente. Com efeito, a coordenação no espaço contribui para criar coordenações associativas, e estas, por sua vez, são necessárias para a análise das partes do sintagma.

Seja o composto *des-fazer*. Podemos representá-lo numa faixa horizontal que corresponde à cadeia falada (...).

Mas simultaneamente, e sobre outro eixo, existe no subconsciente uma ou mais séries associativas compreendendo unidades que têm um elemento comum com o sintagma, por exemplo (...).

De igual maneira, se o latim *quadruplex* é um sintagma, é porque se apóia em duas séries associativas⁵ (...)

É na medida em que essas outras formas fluem em derredor de refazer ou de quadruplex que essas duas palavras podem ser decompostas em subunidades ou, dito de outro modo, são sintagmas. Assim, *desfazer* não seria analisável se outras formas contendo *des* ou *fazer* desaparecessem da língua; não seria mais que uma unidade simples e suas duas partes não poderiam mais opor-se uma à outra. (Saussure, 1969: 149-50, grifo nosso)

Aqui é clara a idéia de que a segmentação em morfemas é decorrente das séries associativas das quais a palavra faz parte, e não o contrário. Poder-se-ia afirmar que os morfemas, nessa concepção, nada mais são do que construtos teóricos, criados pelo lingüista para facilitar o trabalho descritivo. Assim, dizer que *desfazer* apresenta o prefixo *des-* é uma forma abreviada de dizer que *desfazer* participa de uma série de relações associativas em que ocorre a mesma seqüência fonológica e os mesmos traços semânticos.

Em artigo dedicado aos conceitos básicos da Morfologia e da formação de palavras, McCarthy (2005) argumenta que, embora uma concepção de Morfologia baseada em morfemas possa de fato ser encontrada no *Cours*, predomina na obra a concepção de signo como equivalente não ao morfema, mas sim à palavra. Pode-se observar isso na discussão a respeito da arbitrariedade do signo (SAUSSURE, 1969, p.

⁵ Observe-se: é um sintagma porque se apóia em duas séries associativas, e não porque possui dois morfemas.

152-5): o signo *dezenove* contém pistas a respeito de seu significado em suas partes, mas o que lhe confere seu valor é a sua posição no sistema de números. Dessa forma, *dezenove* é uma unidade, embora apresente uma motivação relativa (cf. MCCARTHY, 2005, p. 9-10).

1.2. A FORMAÇÃO DE PALAVRAS NO MODELO SAUSSURIANO DE MORFOLOGIA

Como vimos, para Saussure a estrutura morfológica de uma palavra é decorrente das relações associativas estabelecidas por ela. De acordo com esse ponto de vista, como se pode conceber a criação de uma palavra nova? Quanto a isso, o autor é bastante explícito ao afirmar que as palavras são formadas por analogia:

“(…) em francês, sobre o modelo de *pension: pensionnaire, réaction: réactionnaire*, etc., qualquer pessoa pode criar *interventionnaire* ou *répressionnaire*, com o significado de “em favor da intervenção”, “em favor da repressão”. Esse processo é evidentemente o mesmo que aquele que acabamos de ver engendrando *honor*: ambos reclamam a mesma fórmula:
réaction : réactionnaire = répression : x
x = répressionnaire” (SAUSSURE, 1969, p. 190-191).

Para o autor, a analogia é o “princípio das criações da língua”, como explicitado pelo próprio título da seção 3 do capítulo IV da terceira parte. Essa concepção de criação lexical está plenamente de acordo com a concepção de estruturação morfológica do que estamos chamando aqui de “modelo saussuriano”, já que o processo de analogia é, de certa forma, decorrente das relações associativas. Isso é reforçado no trecho mostrado a seguir, em que a analogia é vista como uma “comparação inconsciente” com palavras já depositadas “no tesouro da língua”, armazenadas “de acordo com suas relações sintagmáticas e associativas”:

Toda criação deve ser precedida de uma comparação inconsciente dos materiais depositados no tesouro da língua, onde as formas geradoras se alinham de acordo com suas relações sintagmáticas e associativas. (...).
É, pois, um erro acreditar que o processo gerador só se produza no momento em que surge a criação; seus elementos já estão dados. Uma palavra que eu improvise, tal como *in-decor-ável*, **já existe em potência na língua**; encontramos-lhe todos os elementos em sintagmas como *decor-ar, decora-ção: perdo-ável, manej-ável: in-consciente, in-sensato* etc., **e sua realização na fala é um fato insignificante em comparação com a possibilidade de formá-la**” (SAUSSURE, 1969, p. 192-3, grifo nosso).

1.3. A PRODUTIVIDADE MORFOLÓGICA NO MODELO SAUSSURIANO DE MORFOLOGIA

Como visto, para Saussure importa menos uma palavra nova que surge na fala do que a possibilidade de formá-la (por analogia), já que a nova palavra é sempre prevista no sistema lingüístico. A partir dessa concepção, aliada à noção de relações associativas, pode-se afirmar que a produtividade morfológica é decorrência da possibilidade de se “decompor” uma palavra (entendendo a decomposição como a relação com duas ou mais séries associativas, conforme explicado em 1.1):

Poder-se-iam classificar as palavras de acordo com sua capacidade relativa de engendrar outras, segundo sejam elas próprias mais ou menos decomponíveis. As palavras simples são, por definição, improdutivas (cf. *carta, árvore, raiz* etc.). *Carteiro* não foi engendrado por *carta*; foi criado pelo modelo de *prisioneiro: prisão* etc. Do mesmo modo, *encartar* deve sua existência à analogia com *enfaixar, enquadrar, encapuzar* etc., que contêm *faixa, quadro, capuz* etc. (SAUSSURE, 1969, p. 193).

Como procuramos mostrar nesta seção, para Saussure, o conceito-chave para a compreensão da Morfologia são as relações associativas que as palavras estabelecem entre si, o que leva a explicar o processo de formação de palavras em termos de um processo analógico.

Embora Saussure seja considerado o pai da Lingüística moderna e da corrente conhecida como Estruturalismo, suas concepções de Morfologia praticamente não tiveram repercussão entre os principais autores estruturalistas da primeira metade do século XX. Passamos a discutir brevemente os motivos que levaram a isso.

2. FORMAÇÃO DE PALAVRAS NO ESTRUTURALISMO PÓS-SAUSSURIANO

Conforme procuramos mostrar, o modelo saussuriano de Morfologia é centrado na palavra como um todo, não dando ênfase à noção de morfema como signo. McCarthy (2005, p. 10) sugere que isso pode ter sido decorrência do fato de que Saussure conhecia bem apenas línguas indo-européias e semíticas de grande tradição escrita, para as quais o problema da delimitação da palavra não se coloca com grande intensidade. Porém, após a publicação da obra fundadora de Saussure, começou-se uma grande ênfase em trabalhos de campo com línguas africanas e americanas (em especial da América do

Norte), que contribuíram para o desenvolvimento de teorias morfológicas baseadas na noção de morfema (definida como unidade mínima significativa). É importante mencionar o trabalho de Bloomfield (1933) e de seus seguidores, em especial no Brasil, Mattoso Câmara Jr. (1970; 1971).

Para esses autores, a Morfologia é vista como o estudo da estrutura interna de uma palavra, ou seja, da forma como os morfemas se organizam para constituir as palavras. Nas palavras de E. Nida, autor de importante manual de Morfologia na tradição estruturalista norte-americana:

Morphology is the study of morphemes and their arrangements in forming words.

Morphemes are the minimal meaningful units which may constitute words or parts of words, e.g. *re-*, *de-*, *un-*, *-ish*, *-ly*, *-ceive*, *-mand*, *tie*, *boy*, and *like* in the combinations *receive*, *demand*, *untie*, *boyish*, *likely*. The morpheme arrangements which are treated under the morphology of a language include all combinations that form words or parts of words⁶ (NIDA, 1949, p. 1).

Dessa forma, a palavra é vista como uma concatenação de elementos (morfemas), e a formação de uma palavra nova é entendida como uma junção de elementos que ainda não haviam sido combinados. A mesma concepção parece estar subjacente na afirmação de Mattoso Câmara Jr. de que o vocábulo mórfico é uma “combinação de segmentos elementares, que são os seus constituintes” (CÂMARA Jr., 1971, p. 47). A divergência em relação ao modelo saussuriano é clara: o morfema, nessa concepção estruturalista, é considerado um elemento de existência independente. As noções de relação associativa e de analogia são raramente colocadas.

Na segunda metade do século XX, com o surgimento da corrente conhecida como Gramática Gerativa, surgiram autores que buscaram adaptar esse novo paradigma à descrição morfológica. Destacam-se o trabalho de Aronoff (1976) e, no Brasil, o trabalho de Basílio (1980; 1987).

Nessa nova perspectiva gerativista, o morfema deixa de ser o centro da análise morfológica em favor da palavra, um ponto que aproxima o modelo da Morfologia gerativa do que estamos chamando de modelo saussuriano. Mas as semelhanças param por aí. O foco da Morfologia gerativa é nas chamadas “regras de formação de palavras”,

⁶ A Morfologia é o estudo dos morfemas e de seu arranjo para formar palavras. Os morfemas são as unidades mínimas significativas que podem constituir palavras ou partes de palavras, por exemplo (em inglês) *re-*, *de-*, *un-*, *-ish*, *-ly*, *-ceive*, *-mand*, *tie*, *boy* e *like* nas combinações *receive*, *demand*, *untie*, *boyish*, *likely*. Os arranjos de morfemas que são tratados na morfologia de uma língua incluem todas as combinações que formam palavras ou partes de palavras. (tradução livre)

que são aplicadas a uma base e têm como resultado uma palavra derivada. Assim, uma palavra derivada, como *carteiro*, não é formada nem por analogia a *prisão: prisioneiro*, como no modelo saussuriano, nem pela adição dos morfemas *cart-* e *-eiro*, como no Estruturalismo clássico, mas sim pela aplicação de uma regra como “adicione *-eiro* para formar um nome de agente” à palavra-base *carta*.

Como se pode notar a partir desta breve exposição, nem o Estruturalismo clássico nem a Morfologia gerativa deram continuidade às concepções saussurianas de Morfologia e formação de palavras. O motivo principal para isso parece ter sido o fato de que a tradição estruturalista da Morfologia teve sua origem não em Saussure, mas sim na Lingüística norte-americana, em especial Bloomfield (1933).

É somente no final do século XX que surgem algumas propostas resgatando as concepções saussurianas. Apresentamos a seguir algumas que têm se mostrado bastante proveitosas para a descrição da formação de palavras.

3. RETOMADA DAS IDÉIAS DE SAUSSURE

Por volta da década de 1980, a partir de estudos que tentavam relacionar linguagem e mente, surge na Lingüística uma nova corrente conhecida como Lingüística Cognitiva. A ênfase dessa nova corrente é em examinar a linguagem partindo de princípios cognitivos, pragmáticos e funcionais em geral (KEMMER, 2007). No que diz respeito à Morfologia, destacamos aqui dois autores (BYBEE, 1988 e LANGACKER, 1987; 1991) que retomaram as idéias de Saussure.

Além da Lingüística Cognitiva, as idéias de Saussure também têm sido retomadas no âmbito de outras correntes. Citamos aqui Basílio (1997), na Morfologia Gerativa, que revê algumas questões a partir do princípio da analogia.

3.1. A NOÇÃO DE FORÇA LEXICAL

As relações associativas, já de acordo com Saussure, são de natureza mental, ou seja, são evocadas pela mente do falante (SAUSSURE, 1969, p. 145). Bybee (1988), embora não cite explicitamente Saussure, apresenta a mesma concepção de Morfologia descrita anteriormente: “Sets of connections (...) are the basis of morphological analysis and morphological relations, for morphological relations are semantic and phonological

connections that run in parallel.”⁷ (BYBEE, 1988, p. 126-7); e mais adiante: “(...) this model allows us to conceptualize the internal structure of a word as a set of relations with other words, rather than as a string of discrete meaningful sequences, that is, morphemes.”⁸ (BYBEE, 1988, p. 139).

No entanto, a autora amplia o modelo acrescentando uma idéia que está apenas implícita em Saussure: as relações associativas (chamadas pela autora de “conexões”) não têm todas a mesma intensidade, ou seja, algumas são mais “fortes” do que outras. Bybee (1988) traz vários argumentos de natureza psicolinguística (especialmente experimentos de acesso lexical) para demonstrar isso e propõe o construto teórico da “força lexical”, definido em função da frequência de determinada unidade. Basicamente, por “força lexical” entende-se o “peso” que certas relações associativas adquirem devido à sua frequência de uso, em detrimento de outras relações menos frequentes. Em termos do gráfico proposto por Saussure (1969, p. 146, aqui reproduzido em 1.1), haveria associações evocadas mais facilmente e outras mais periféricas, em função da frequência.

Especificamente em relação à formação de palavras, Bybee (1988) propõe que “(...) recurring morphological patterns emerge as accumulations of similar or identical sets of connections and are described as SCHEMAS.”⁹ (BYBEE, 1988, p. 139); é esse esquema que vai influenciar a formação de novas palavras, de forma semelhante aos padrões analógicos do modelo saussuriano. Resumidamente, quanto mais frequente for determinado padrão de formação, maior é a probabilidade de ele ser empregado na formação de novas palavras.

O trabalho de Bybee (1988) é importante por enfatizar que fenômenos referentes à frequência das formas linguísticas podem influenciar o sistema linguístico; essa influência pode ser formalizada e mais facilmente compreendida se o léxico for encarado como formado por um conjunto de relações associativas, como no modelo saussuriano.

⁷ Conjuntos de conexões (...) são a base da análise morfológica e das relações morfológicas, pois as relações morfológicas são conexões semânticas e fonológicas que funcionam em paralelo (tradução livre).

⁸ (...) este modelo nos permite conceptualizar a estrutura interna de uma palavra como um conjunto de relações com outras palavras, ao invés de como uma cadeia de seqüências significativas discretas, ou seja, morfemas (tradução livre).

⁹ padrões morfológicos recorrentes surgem como acumulações de conjuntos semelhantes ou idênticos de conexões e são descritos como *esquemas* (tradução livre).

3.2. O CARÁTER SIMBÓLICO DA GRAMÁTICA

Muito semelhante ao modelo proposto por Bybee (1988) é a concepção de Morfologia presente na teoria da Gramática Cognitiva¹⁰ (cf. LANGACKER, 1987; 1991; TAYLOR, 2002). Central a essa teoria é a noção do caráter simbólico da gramática: para Langacker (1987, p. 81), as unidades lingüísticas apresentam necessariamente dois pólos, o semântico e o fonológico. Embora seja praticamente um consenso na Lingüística de que isso é verdade para as unidades lexicais, o autor argumenta que unidades abstratas como classes gramaticais e construções sintáticas também têm essa mesma natureza. Em outras palavras, para a Gramática Cognitiva a linguagem pode ser descrita de forma exaustiva levando-se em conta apenas três entidades: a estrutura fonológica, a estrutura semântica e as relações simbólicas entre ambas.

Embora não seja relevante aqui entrar nos detalhes de toda a argumentação do autor, é importante salientar a semelhança dessa concepção com o que estamos chamando de modelo saussuriano de Morfologia: as relações associativas para Saussure também são de três tipos: fonológicas, semânticas e morfológicas, essas últimas resultantes da combinação das duas primeiras. Essa concepção também se conforma à teoria saussuriana do signo (cf. seção 1.1): a estrutura fonológica corresponde ao significante, a estrutura semântica corresponde ao significado e a relação simbólica entre ambas corresponde à relação entre as duas faces do signo.

No âmbito específico da formação de palavras, a Gramática Cognitiva descreve os morfemas como relações recorrentes e reiteradas entre os dois planos (fonológico e semântico). De acordo com Taylor (2002), “Morphological analysis is not so much a question of breaking up a complex form into its building-block components, it is a matter of whether a given form shares commonalities (phonological and/or semantic) with other forms in the language.”¹¹ (TAYLOR, 2002, p. 282). Assim, a formação de palavras é a atualização de um esquema cognitivo que relaciona a unidade lexical neológica às demais unidades já existentes, tanto fonológica quanto semanticamente. Como se pode ver, continua presente a idéia saussuriana de relações associativas entre

¹⁰ É preciso salientar que a Gramática Cognitiva, teoria da gramática proposta por Langacker (1987; 1991), pertence à corrente conhecida como Lingüística Cognitiva, mas as duas expressões não são sinônimas.

¹¹ A análise morfológica não é exatamente um problema de quebrar uma forma complexa em seus blocos componentes, é um problema de se uma dada forma compartilha traços comuns (fonológicos e/ou semânticos) com outras formas da língua (tradução livre).

as formas; o que surge de novo é a idéia de um esquema cognitivo, que também está presente em Bybee (1988).

Também em relação à produtividade, a Gramática Cognitiva recupera idéias saussurianas. Como mostrado, para Saussure a produtividade está relacionada com o quanto determinada forma pode ser “decomposta”. Encontramos exatamente a mesma concepção em Taylor (2002, p. 290):

Productivity is the flipside of analysability. A word is analysable to the extent that it can be brought under a schema; the more salient a schema, the more likely it is to be able to sanction new instances, created on the patterns of the schema.¹²

A Gramática Cognitiva, portanto, é importante por explicitar diversos conceitos saussurianos, em especial a teoria do signo, e aplicá-los na formulação de uma teoria integrada do funcionamento gramatical da língua.

3.3. A REFORMULAÇÃO DAS REGRAS DE FORMAÇÃO DE PALAVRAS

O último trabalho de retomada das concepções saussurianas de Morfologia que analisaremos aqui se insere no quadro da Morfologia gerativa, com Basílio (1997). Nesse artigo, a autora discute o problema de se analisar a formação de palavras como resultado da aplicação de regras (como quer a Morfologia gerativa tradicional) ou de padrões analógicos.

O foco inicial da argumentação de Basílio (1997) é se há ou não diferença empírica entre optar por uma das duas análises. Logo no início do texto essa pergunta é respondida afirmativamente:

(...) pelo menos um fator nos induz a postular uma diferença empírica entre as duas abordagens: é o fato de que para operarmos com o PA [= princípio analógico] não precisamos de elementos delimitados e categorizados nos moldes estabelecidos pelas RFPs [= regras de formação de palavras]. Enquanto mecanismo lógico, a quarta proporcional pode operar com quaisquer elementos que se conformem à estrutura básica; esses elementos podem, em certos casos, não corresponder à expectativa da gramática bem comportada (BASÍLIO, 1997, p. 11).

¹² A produtividade é o oposto da analisabilidade. Uma palavra é analisável à medida que pode ser posta sob um esquema: quanto mais saliente o esquema, mais prontamente uma palavra pode ser analisada. Da mesma forma, quanto mais saliente for o esquema, maior a probabilidade de que ele possa sancionar novas instâncias, criadas pelo padrão do esquema (tradução livre).

Parece haver, portanto, uma vantagem em analisar a formação de palavras como resultado de analogia: o princípio analógico pode ser aplicado a mais casos do que as regras de formação de palavras, notadamente os casos que não corresponderiam à “gramática bem-comportada”. A autora exemplifica com *enxadachim*, criação de Guimarães Rosa por analogia com *espada / espadachim*, mostrando que basta “o conhecimento prévio de duas palavras que tenham uma parte em comum” (BASÍLIO, 1997, p. 12) para que uma palavra nova seja formada por analogia. Por fim, conclui que “toda e qualquer construção descrita por RFPs pode *ipso facto* ser descrita por PA; e (...) nem todas as construções por PA são adequadamente descritas por RFPs” (BASÍLIO, 1997, p. 18).

Após essa discussão de caráter empírico, a autora passa a tratar da relevância teórica de se adotar o princípio analógico como fundamental para a descrição da formação de palavras. O princípio analógico, segundo essa perspectiva, deve ser entendido “como um universal lexical, explicando a utilização de relações lexicais para a aquisição do léxico em qualquer língua” (BASÍLIO, 1997, p. 19). Assim, a formulação de regras de formação de palavras “torna-se descritivamente supérflua” (BASÍLIO, 1997, p. 20), já que as regras passam a ser decorrentes do princípio analógico: “(...) de certa maneira, as RFPs seriam fossilizações, gramaticalizações ou burocratizações do uso do mecanismo de analogia em léxicos particulares” (BASÍLIO, 1997, p. 20).

Como podemos perceber, tais idéias defendidas por Basílio (1997) são totalmente compatíveis com o modelo saussuriano e com as concepções de Bybee (1988) e Langacker (1987; 1991). As regras de formação de palavras, desse ponto de vista, referem-se ao mesmo conceito chamado de “esquema” por Bybee (1988) e Langacker (1987; 1991). Basílio (1997), portanto, aproxima de forma bastante clara a concepção da Morfologia gerativa clássica da concepção saussuriana e das concepções da Lingüística Cognitiva.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste trabalho foi retornar à que é considerada a obra fundadora da Lingüística moderna, para procurar entender o que Saussure tinha a dizer a respeito da Morfologia e da formação de palavras. Buscamos sistematizar em poucas linhas o que o

Cours nos diz em vários capítulos, chamando a atenção para o que entendemos como o conceito-chave da questão: as relações associativas. A partir disso, propusemos a descrição do que estamos entendendo como “modelo saussuriano de Morfologia”, juntamente com suas decorrências para o estudo da formação de palavras.

Foi também nossa intenção demonstrar que, embora tenha sido abandonado pelo Estruturalismo clássico e pelo Gerativismo, o modelo saussuriano de Morfologia foi retomado pela Lingüística contemporânea em mais de uma vertente. Explicitamos aqui três autores que, embora não citem o *Cours*, retomam as idéias ali presentes, em especial a ênfase nas relações associativas e na analogia como processo que engendra a formação de palavras.

O retorno às origens da Lingüística moderna nos permitiu conhecer um aspecto do *Cours* raramente estudado, bem como uma concepção de Morfologia bastante promissora para os estudos de formação de palavras. Esperamos com isso contribuir para uma releitura do texto clássico do *Cours* e para uma maior reflexão em relação à adequação dos modelos teóricos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ARONOFF, Mark. *Word-Formation in Generative Grammar*. Cambridge, Mass.: The MIT Press, 1976.
2. BASÍLIO, Margarida. *Estruturas lexicais do português*. Petrópolis: Vozes, 1980.
3. _____. *Teoria lexical*. São Paulo: Ática, 1987.
4. _____. O princípio da analogia na constituição do léxico: regras são clichês lexicais. *Veredas: revista de estudos lingüísticos*, vol. 1, n. 1, p. 9-21, 1997.
5. BLOOMFIELD, Leonard. *Language*. New York: Henry Holt, 1933.
6. BYBEE, Joan L. Morphology as lexical organization. In: HAMMOND, M. e NOONAN, M. (ed.) *Theoretical Morphology. Approaches in modern Linguistics*. San Diego: Academic Press, 1988.
7. CÂMARA Jr., Joaquim Mattoso. *Estrutura da língua portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 1970.
8. _____. *Problemas de Lingüística descritiva*. Petrópolis: Vozes, 1971.

9. KEMMER, Suzanne. About Cognitive Linguistics: historical background. 2007. Disponível em <http://www.cognitivelinguistics.org/cl.shtml>. Acessado em 1 de outubro de 2008.
10. LANGACKER, Ronald W. *Foundations of cognitive grammar. Theoretical prerequisites*. Stanford: Stanford University Press, 1987.
11. _____. *Foundations of cognitive grammar. Descriptive application*. Stanford: Stanford University Press, 1991.
12. SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Lingüística geral*. São Paulo: Cultrix/Edusp, 1969.
13. MCCARTHY, Andrew C. Basic terminology. In: STEKAUER, Pavol e LIEBER, Rochelle (orgs.). *Handbook of word-formation*. Dordrecht: Springer, 2005.
14. NIDA, Eugene. *Morphology*. 2. ed. Ann Arbor: The University of Michigan Press, 1949.
15. TAYLOR, John R. *Cognitive grammar*. Oxford: Oxford University Press, 2002.

RESUMO: Neste artigo, propomos uma leitura do *Cours de Linguistique Générale* em que o foco está nas concepções de Morfologia e formação de palavras, encontradas em diversos capítulos da obra. Após sistematizar as idéias saussurianas a respeito da organização do léxico, da formação de palavras e da produtividade morfológica, procuramos mostrar que, após terem sido praticamente ignoradas pelo Estruturalismo norte-americano e pelo Gerativismo, essas mesmas idéias começam a ser retomadas em fins do século XX, especialmente na chamada Lingüística Cognitiva.

PALAVRAS-CHAVE: Formação de palavras; Morfologia; Lingüística Cognitiva; Saussure.

ABSTRACT: In this paper, we propose a reading of the *Cours de Linguistique Générale* which focuses on the conceptions of Morphology and word-formation, found in many chapters of the *Cours*. After a systematization of Saussurean ideas on the organization of the lexicon, word-formation and morphological productivity, we intend to show that, after having been virtually ignored by North-American Structuralism and Generative Linguistics, these ideas start to be reread by the end of the 20.th century, especially by the so-called Cognitive Linguistics.

KEYWORDS: Word-formation; Morphology; Cognitive Linguistics; Saussure.